



GUERRA NO ORIENTE

O conflito se intensifica

No terceiro dia de intensos confrontos, Israel e Irã bombardearam com mísseis de longo alcance e drones regiões estratégicas nos dois países. Netanyahu disse que a guerra só terminará com “desmantelamento do programa nuclear” iraniano

O terceiro dia do conflito entre Israel e Irã foi marcado por disparos de mísseis e bombardeios aéreos entre os dois países. Enquanto as forças israelenses atuavam para interceptar mísseis e drones lançados do Irã, a Força Aérea de Israel bombardeou alvos militares em Teerã, capital iraniana.

O sistema de defesa de Israel falhou ao interceptar mísseis lançados pelo Irã, que atingiram instalações de energia na cidade israelense de Haifa, no norte do país. Os serviços de resgate em Israel informaram que edifícios residenciais na planície costeira e no norte foram atingidos após disparos de mísseis vindos do Irã.

Sirenes soaram na cidade de Haifa, e mísseis iranianos atingiram a cidade e causaram incêndios”, informaram agências de notícias. “Incêndios se iniciam dentro de uma instalação estratégica em Haifa”, acrescentaram. Em território iraniano, o Exército israelense também fez diversos bombardeios aéreos. De acordo com a Força Aérea de Israel, os bombardeios tiveram como alvos militares. O Ministério do Petróleo do Irã informou que Israel atacou o depósito de petróleo de Shahran, no oeste da capital, um dos principais depósitos de combustível da capital iraniana. Um segundo depósito no sul da capital também foi atingido.



Baterias antiaéreas israelenses lançavam mísseis contra o bombardeio iraniano na noite de ontem. Teerã também foi atingida com ataques

Em comunicado, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que ele e o presidente russo, Vladimir Putin, concordaram em uma ligação telefônica que a guerra entre Irã e Israel deve terminar. “O presidente Putin me ligou esta manhã

para, gentilmente, me desejar feliz aniversário”, disse Trump, que completou 79 anos. “Ele e eu acreditamos que esta guerra entre Israel e Irã deve terminar, e como expliquei, a guerra dele também deve terminar”, acrescentou em sua plataforma

Truth Social, referindo-se à invasão russa da Ucrânia.

O governo israelense pediu à população que se confinasse em abrigos após detectar “disparos de mísseis vindos do Irã” em direção a Israel. Por volta das 23h (17h de Brasília), jornalistas da

AFP receberam em seus telefones uma mensagem de “alerta máximo” do Comando da Frente Interna (Defesa Passiva). Mais tarde, o nível de alerta foi reduzido em Israel, e a população foi orientada a sair dos abrigos, embora as autoridades tenham

recomendado “permanecer próxima” deles.

Ameaça

O líder supremo do Irã, Ali Khamenei, “não está proibido” de ser alvo de ataques enquanto Israel prossegue com sua intensa campanha aérea no Irã, disse uma autoridade israelense. Segundo a fonte, Israel “não descartou nenhum alvo potencial para destruir o programa nuclear.”

De acordo com a autoridade, Israel matou nove cientistas que desempenham um papel fundamental no programa nuclear de Teerã e uma série de generais iranianos de alto escalonamento. “Ataques mais significativos estão planejados para as próximas horas”, disse ele, ao mencionar que a infraestrutura nuclear física do Irã “sofreu um golpe severo”. O governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse que a guerra só terminará com o Irã “desmantelando voluntariamente seu programa nuclear ou com Israel tornando impossível para Teerã reconstruí-lo”.

O Papa Leão XIV demonstrou “grande preocupação” com os ataques entre Israel e Irã e apelou para que a comunidade internacional trabalhe para construir caminhos de reconciliação. O pontífice ainda pediu “responsabilidade” de iranianos e israelenses para com o próprio povo e o mundo, e “razão” para não cederem ao que chamou de “fúria cega”.



Trump acompanha desfile militar no dia de seu aniversário

ESTADOS UNIDOS

Assassinato de deputada democrata aumenta tensão

A deputada estadual do partido Democrata Melissa Hortman e seu marido, Mark Hortman, foram mortos a tiros na madrugada de ontem, em Minnesota (EUA). O senador estadual John Hoffman e sua esposa Yvette também foram feridos por disparos de arma de fogo, em ataque parecido no mesmo estado.

O superintendente do Departamento de Aprestação Criminal de Minnesota, Drew Evans, informou que o suspeito Vance Luther Boulder, um homem branco de 57

anos, se passou por um policial antes de cometer os crimes. Boulder conseguiu escapar após trocar tiros com a polícia. No carro dele, foi encontrado um manifesto com uma lista de congressistas.

Segundo as forças de segurança, o senador Hoffman e sua esposa foram os primeiros alvos dos disparos e, cerca de 90 minutos depois, Hortman e seu marido foram baleados dentro da casa onde viviam, na cidade de Brooklyn Park.

Uma manifestação contra o presidente americano Donald

Trump que estava prevista para ocorrer no estado foi cancelada depois que a polícia emitiu uma ordem de confinamento enquanto procurava o autor do ataque.

Os crimes ocorreram em meio a profundas divisões políticas nos Estados Unidos. Ontem, dezenas de milhares de pessoas saíram as ruas em todo o país para se manifestar contra a política adotada por Trump, desde que ele assumiu o governo, em janeiro deste ano.

Os organizadores dos protestos batizaram a mobilização de

“Sem Reis” porque consideram que o presidente se comporta como se fosse um.

Nova York, Los Angeles, Chicago, Houston e centenas de outras cidades saíram às ruas para denunciar o que consideram uma deriva autoritária.

Ontem, uma parada militar marcou o 250º aniversário do Exército dos EUA, que coincidiu com o aniversário de 79 anos de Trump, que adiantara que o desfile seria “incomparável com todos os outros”.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

ÁGUIA E DRAGÃO AUTOINDULGENTES

Os desentendimentos envolvendo os Estados Unidos e a China tiveram início ainda durante o governo Obama com a célebre doutrina da então secretária de Estado Hillary Clinton, intitulada America's Pivot Toward the Asia-Pacific, ou A Reorientação dos Estados Unidos para a região Ásia-Pacífico. A visão temerosa sobre a China mudou o foco e prática dos EUA, alterando todo um comportamento estratégico iniciado na gestão de Richard Nixon, sob a batuta de Henry Kissinger.

Kissinger nunca foi autocomplacente — ao contrário, foi o mais preparado e útil aos interesses dos EUA. A “reorientação” anti-China de agora é um desastre e mais estimula a similar autoindulgência chinesa. Líderes gigantes costumam desconhecer o tamanho do que

ignoram e dão a arrogância ares de autocomplacência.

A velocidade com que as relações entre EUA e China se deterioraram é função direta das novas ideias que dominam o pensamento político dos partidos Republicano e Democrata dos EUA. Todavia, ainda que o diagnóstico de Hillary Clinton estivesse correto — afinal, não parece equivocado afirmar que “o futuro da política, neste século, será decidido na Ásia, e não no Afeganistão ou no Iraque” —, suas prescrições acabaram ajudando mais a China do que os EUA.

Guiados por uma visão estreita e marcada por um temor quase sobrenatural em relação à China, os Estados Unidos passaram a acumular estratégias e táticas erráticas para lidar com a ascensão global do poder político e econômico organizado

a partir de Pequim. Ascensão de um dragão astuto, observador da fragilidade do outro.

Um dos exemplos mais recentes do desconcerto estadunidense frente à astúcia estratégica chinesa está relacionado à atual onda de eletrificação da mobilidade ao redor do mundo. A adoção precoce dos veículos elétricos na China, baseada em vultosos investimentos em tecnologia, representa um claro caso de “leapfrogging” estratégico. Sem uma versão adequada em português, “leapfrogging” significa literalmente “pular carniça” — aquele jogo infantil de superar o obstáculo apresentado pelo colega —, mas é um conceito importante das discussões sobre estratégias de desenvolvimento. A isolada e tímida China é o maior exemplo de situação que pode ser descrita como o esforço

de países retardatários em fazer algo diferente e visionário em certa indústria antes dos países desenvolvidos. E ultrapassá-los, sem a necessidade de passar pelas etapas percorridas pelos países desenvolvidos.

Uma lição para países permanentemente em dúvida sobre o que fazer para se desenvolver de verdade é evidente. A ascensão da China ao topo da indústria automotiva global tem muito de forças de mercado atuando de forma descoordinada. Países chorões, insuportáveis reclamantes, nunca combinaram políticas públicas planejadas e engenhosamente adaptadas, voltadas tanto à inovação doméstica quanto à colaboração internacional como fez a China — parceria com a diplomacia do sentimento autoindulgente que assegurou a contínua transferência

de tecnologia e know-how aos atores chineses. Até a Embraer brasileira caiu nessa nuvem de lágrimas e ensinou mais do que aprendeu com os chineses.

Um dos principais fatores que ajudam a explicar a enrascada em que os Estados Unidos se meteram ao confrontar Pequim com tarifas estratosféricas — e que tornam os fabricantes chineses tão promissores — são as sofisticadas cadeias de suprimentos domésticas da China. Praticamente tudo o que compõe um veículo elétrico chinês — as baterias, os diversos minerais e metais e os semicondutores — é produzido internamente. Isso permite que os fabricantes chineses tenham acesso rápido, confiável e eficiente a todos os insumos necessários, sem depender da complexa e, às vezes, sombrias jogadas de uso das redes de interconexão globais para dobrar adversários.

Em um momento em que sua economia está sendo abertamente “contida” por Washington, a força dessas cadeias domésticas

mantém a China operando a pleno vapor, como também fortalece seu poder de retaliação.

A retórica sobre a “conção econômica” da China é unilateral, logo uma estratégia de pouca sabedoria. Isso porque, se de fato os Estados Unidos desejam evitar uma China superpoderosa, o caminho mais eficaz é justamente o oposto. Afinal, foi exatamente uma estratégia multilateral que trouxe paz à historicamente conflagrada Europa Ocidental.

Se a águia e o dragão andam se estranhando é preciso que percebam que simbolizam dois países acostumados a ser admirados. Estamos em outro mundo, onde o que é fácil ao forte enfraquece. Melhor pararem de reclamação e de buscar a hegemonia, e a esperança perdida do mundo autoritário. Que juntos molдем, positivamente, a ascensão um do outro.

PAULO DELGADO, sociólogo.